



ACADEMIA RIBEIRÃO PRETANA DE LETRAS - ARL

www.jperegrino.com.br/arl

Ribeirão Preto - SP - Ano II - Nº 7 - Dezembro/2003

A lenda do falcão e da águia

Autor Desconhecido (*)

Uma lenda conta que Touro Bravo, valente e honrado entre todos os jovens guerreiros da tribo Sioux, e Nuvem Azul, filha do cacique, formosa entre as mulheres da tribo, chegam de mãos dadas até a tenda do Velho Feiticeiro...

- Nós nos amamos e vamos nos casar, disse o jovem. E nos amamos tanto que queremos um feiticeiro, um conselho, ou um talismã...

- É verdade, queremos alguma coisa que nos garanta que poderemos ficar sempre juntos, completo a bela índia.

- Alguma coisa que nos assegure um ao lado do outro até que chegue a morte. Há algo que possamos fazer, Grande Conselheiro?

O Velho Feiticeiro ficou emocionado ao vê-los tão ansiosos por uma boa palavra, embora tão jovens! E estavam tão apaixonados...

- Há, sim, algo a ser feito para assegurar a felicidade dos dois. Mas é uma tarefa muito difícil e sacrificada... Você, Nuvem Azul, deve escalar o Grande Monte, ao norte da aldeia, e apenas com uma rede e as mãos, deve caçar o falcão mais vigoroso e trazê-lo, até o terceiro dia de-

pois da lua cheia, vivo. Eu disse vivo!

Fez uma pausa. Olhou o jovem nos olhos e disse que Touro Bravo devia escalar a Montanha do Trono, que ficava ao sul, onde encontraria no ponto mais alto a mais brava e a mais selvagem de todas as águias.

- Somente com uma rede e as mãos, Touro Bravo, você deverá apanhar o indomável pássaro e trazer para mim, até o terceiro dia. **Vivo também!**

Os jovens abraçaram-se com ternura e partiram para cumprir a missão. No terceiro dia, à frente da tenda do Feiticeiro, o jovem casal esperava com as aves dentro de um saco. Vivas como fora recomendado. O Velho pediu que, com cuidado, tirassem as aves dos sacos. E viu que eram formosos exemplares, os mais selvagens e indomados de todos. Olhou os dois jovens nos olhos e fez um pequeno silêncio.

- E agora o que faremos? - perguntou o ansioso casal - nós as matamos e depois bebemos à honra de seu sangue? Ou cozinhamos e depois comemos o valor entranhado em sua carne?

- Não, disse o Feiticeiro. Apa-

nhem as aves e as amarrem entre si pelas patas com essa fita de couro. Depois de amarradas, soltem-nas, para que voem livres...

O guerreiro e a jovem fizeram o que lhes foi ordenado. Soltaram os pássaros. A águia e o falcão tentaram voar... Mas apenas conseguiram saltar pelo terreno. Minutos depois, irritadas pela incapacidade do voo, arremessavam-se e biccavam-se até o sangue começar a escorrer.

- Olhem bem, disse o Velho Feiticeiro. Jamais esqueçam o que estão vendo. Vocês são como a águia e o falcão. Este é o meu conselho: amarrados um ao outro, presos, ainda

que por amor, não só viverão arrastando-se e anulando-se, como começarão também, cedo ou tarde, a se "bicar" e a se machucar.

Os jovens ficaram observando o estado das duas aves. E o Velho Conselheiro completou, pausadamente, dando ênfase a cada palavra:

- Se quiserem que o amor entre vocês perdure, voem juntos, mas jamais amarrados.

(*) Este espaço destina-se a artigos dos Acadêmicos. Essa lenda foi publicada pela beleza e sabedoria que encerra.



Membros da ARL: Juntos, mas jamais amarrados

A pedagogia do Presépio

"Reconheço a felicidade pelo barulho que ela faz ao partir"

Jacques Prévert

É uma tradição que me traz felicidade. Em novembro, já começo a pensar na confecção do presépio que ficará exposto na minha sala de jantar até o dia sete de janeiro do Ano Novo: um dia após o Dia de Reis.

Por volta de 1992, eu mesmo fiz as peças, uma a uma, de argila: pintei-as com esmalte.

O modelo utilizado foi o de um outro presépio: o que meu pai montava todo Natal, em minha casa, quando ainda eu era criança e só colocava a mão nas imagens com autorização e sob supervisão de alguém mais velho.

Eu e meu pai fizemos e desfizemos muitos presépios. Cada peça, ao ser colocada, tinha uma história que era contada e recontada: foi assim que me interessei pelo Novo Testamento (e, depois, pelo Antigo).

Lembro-me, inclusive, dos presépios que o vi montar sob uma escadaria da residência da família Biagi, quando ainda Baudílio era vivo, ali, perto do prédio do Estadão.

Muitos são os nascimentos do Cristo em minha memória e muitas foram às vezes em que, no Dia de Reis, logo de manhã, colocávamos as imagens, todas, em torno da man-

jedoura e bem perto dela, para significar a chegada dos Reis Magos. Com a presença constante de Gaspar, sempre ali, ao lado do Menino Jesus, aprendi a nunca ter preconceito de cor.

Aprendi a importância da reunião dos membros da família, com José e Maria, sempre ajoelhados aos pés de Jesus: e, assim, o amor pelas crianças.

Aprendi a importância dos mais humildes, de tanto posicionar o pastor e suas ovelhas no mesmo espaço reservado ao nascimento do Filho de Deus.

Aprendi a amar os animais, o jumento e a vaquinha, porque os vi aquecendo Jesus, anos e anos, nos presépios da minha casa.

Aprendi a olhar e admirar o céu, a areia, os coqueiros, visitando o presépio que, na vitrine das Lojas Diederichsen, era tradicionalmente visitado pelas pessoas que passeava-

vam pela cidade nos dias que antecediam o Natal.

Aprendi, com o plantio no momento certo, das sementes de arroz, ainda em casca, que existe um momento certo de plantar, para que brotos saudáveis e resistentes possam agüentar o passar dos dias: assim era obtida a erva verde que permeava as dunas de areia, do presépio de imagens quase em tamanho real.

Na maior parte das famílias, hoje, falta algo: falta um presépio?

Terminei de escrever este artigo e já começo a pensar no meu presépio 2004, desejando que cada leitor faça de seu coração uma manjedoura onde o Cristo possa renascer, mais uma vez, ou até nascer, quem sabe, pela primeira vez, de uma série de muitas.

Antônio Carlos Tórtoro
Presidente da Academia
Ribeirão Pretana de Letras



Almoço dos 56 anos da ARL



Trabalho de Consciência Corporal - Rolf Gelewski

Yoga de Sri Aurobindo

Alongamento, Relaxamento,
Correção Postural, Respiração.

Vera Lúcia Arantes

Telefone: (16) 624 6609

Uma prova de coragem

Antonio Carlos Tórtoro (*)

“Que tenhamos coragem para mudar o que pode ser mudado, resignação para aceitar o que não pode ser mudado, e sabedoria para distinguir entre um e outro”

Mais que uma prova de coragem: uma demonstração palpável de crença no poder e na capacidade do cidadão de participar e fazer a diferença, sem medo, sem traumas, sem preconceitos.

Essa é a melhor maneira de me referir ao gesto democrático e grandioso do Prefeito Gilberto Maggioni, por intermédio do seu Secretário da Cultura, Galeno Amorim, ao enviar para o Legislativo o Projeto de Lei Complementar no. 472/03 que alterou a composição do CMC – Conselho Municipal da Cultura (abrindo espaço para Movimentos Sociais,

Carnaval, Hip-Hop, Capoeira, Cultura Oriental e Patrimônio Histórico e Cultural), criando o Sistema Municipal de Cultura (constituído por diversas Secretarias Municipais, Fundações e Conselhos), a Conferência Municipal de Cultura (evento bienal que se destina a avaliar, debater e propor políticas e ações para a Cultura, nos âmbitos público e privado) e mais, estabelecendo que, a partir de 2004, o presidente do CMC não será mais (caso não seja eleito pelos conselheiros) o Secretário Municipal da Cultura. O CMC atingiu maior representatividade e abrangência.

A Câmara aprovou o Projeto por unanimidade. “Atitude louvável e salutar” (vereadora Joana), “Chega em boa hora a democratização do Conselho” (vereador Lages), foram

algumas das expressões utilizadas pelos vereadores no encaminhamento do projeto. Eu acrescentaria, em resumo: “uma nova fase do CMC”.

A sabedoria geralmente vem com a idade. Infelizmente, porém, muitas vezes a idade vem desacompanhada... Foi o que aconteceu com Prefeitos e Secretários com maior idade e experiência política que antecederam Gilberto e Galeno. Faltou a eles coragem, desapego à função, crença no papel efetivo dos Conselhos e confiança no bom senso dos cidadãos que os compõem.

A Constituição Federal brasileira de 1988 destacou importante relevância à Cultura, tomando esse termo como todas as formas de expressão do povo, sendo dever do Estado, no âmbito da União, dos Estados e dos Municípios, garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes de cultura.

No âmbito dos municípios, as ações político-culturais têm significado mais concreto, pois é no espaço local que os atores sociais agem, as demandas se expressam e as políticas atingem a população. Desse modo, o Governo Municipal tem um papel destacado como executor indutor e articulador dessas ações culturais.

Nesse cenário, os Conselhos Municipais de Cultura são figuras importantes porque representam garantia real de participação da sociedade civil, de forma democrática.

Agora, cabe aos cidadãos dos diversos segmentos culturais da cidade ocuparmos o espaço propiciado e desempenhar os papéis a que estamos sendo chamados.

(*) **Presidente ARL/ARE e Ex-Membro CMC.**

Quando setembro vier

Ely Vieitez Lanes (*)



evento, antes centrado só na poesia. Ampliou-se para Literatura, Música e Dança. Convidaram-se duas escolas de cidades vizinhas, os Colégios Objetivo, de Brodowski e Jardinópolis, e de Ribeirão Preto, o Objetivo/Anchieta, que apresentaram números artísticos. Foram jurados, nesse conclave de arte, o professor Antônio Carlos Tórtoro, presidente da ARL, as acadêmicas Nilva Mariani, Rita Mourão e Ely Vieitez Lanes.

A boa surpresa aconteceu logo no início, quando o grande ônibus das escolas convidadas chegou repleto de alunos, vestidos a caráter, com sua alegria e entusiasmo coloridos. À frente, a professora Teresinha Costa Câmara Ferroni, diretora de ambos os colégios. Foi muito graças a ela que a noite aconteceu, com professores e pais participantes.

As escolas convidadas iniciaram o espetáculo, apresentado pela profª Teresinha, que antes fez um belo preâmbulo, enaltecendo o importante evento. Todos os dez números foram interessantes e criativos. Resalta-se a boa escolha dos textos, idem a música e a encantadora participação dos alunos da 4ª série, o Tri-

buto a Portinari, inclusive com uma pitoresca dança gaúcha, um dos temas do ilustre pintor, nos seus tipos brasileiros.

Após, seguiram-se os números dos alunos do Colégio Objetivo/Anchieta, preparados e devidamente apresentados pela profª Vera Lúcia Hanna, sempre brilhante.

A apresentação encantou o público entusiasmado, que assistiu a ballet, clássico e moderno, declamações de belíssimos poemas da autoria dos próprios alunos, encenação de um texto clássico português, e muito boa música, com números seletamente escolhidos.

Tudo que se viu na noite de 23 de setembro, no SESC, leva-nos a meditar seriamente. A escola é um celeiro de jovens promissores, repletos de dons a serem estimulados e cultivados. Fala-se muito na decadência do ensino, mas talvez as disciplinas curriculares seriam levadas mais a sério pelos alunos, se a Escola oferecesse o estímulo adequado, o prazer, para que eles pudessem oferecer tudo que podem e querem dar.

Rubem Alves tem falado à exaustão que o aluno tem que ser seduzido. As disciplinas do currículo

lo são mais obrigação. Por que não se criarem, na escola, espaços onde sejam cultivados o Teatro, a Literatura, a Música, a Dança? Estimulando-se aquilo de que se gosta, o aluno poderia esforçar-se mais naquilo de que ele necessita. O dever e o prazer talvez sejam um binômio inseparável (ou deveriam ser), na escola e na vida. Pessoa feliz, interessada, estimulada, valorizada produz mais, propicia enormes boas surpresas.

A receita pode ser ingênua, mas, tentando-se, estaríamos também sendo bíblicos. Como se sabe, pela parábola, Deus castiga os que enteram talentos e premia aqueles que os multiplicam.

(*) **Membro da ARL, ARE e Grupo Flamboyant.**



605-7547 ASSOCIE-SE

ACIRP

Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto

PNEUS

Direto

F.635-6699

A nossa missão é vender segurança.

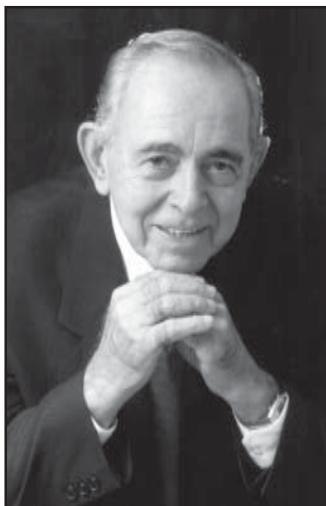
GOODYEAR Firestone PIRELLI

MECÂNICA EM GERAL, FREIOS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, AR CONDICIONADO

BUSCAMOS E LEVAMOS SEU VEÍCULO

O tempo e o livro

Wilson Salgado (*)



Há coisa de sessenta anos, o surgimento e posterior aperfeiçoamento técnico da televisão constituiu-se numa ameaça para o cinema. “Dentro de dez anos” – diziam os arúspices daquela geração – “o cinema será coisa do passado”. A ameaça provocou imediata reação do ci-

nema que, com o desenvolvimento da tecnologia, descobriu a cor. Seguindo as pegadas do cinema a televisão criou, também, as imagens a cor. Nova ameaça. O cinema partiu para filmes grandiosos e, posteriormente, para os espetaculares efeitos especiais. O conforto de nossas poltronas domésticas foi compensado pela sofisticação das salas de projeção. O cinema saiu ileso.

E o livro? Qual sua posição ante os apelos dos lazeres da vida moderna e do livro eletrônico? Sua sobrevivência iria além da sobrevivência da geração que ainda ama a leitura do livro tradicional?

Se nossa literatura está caminhando para algum lugar, está, a meu ver, muito devagar, a despeito do aumento do número de títulos publicados. Há que se considerar que, na grande vendagem de livros tradicionais, se incluem as novas edições de nossos bons clássicos e, também, livros didáticos, um terço dos quais é adquirido pelos governos federal e estadual. Outros títulos se referem a autores que, por terem firmado seu nome em outras áreas, tais como, cinema, teatro, televisão, esporte e quejandos, são imediatamente adotados pelos editores, que neles vêem uma vantajosa relação custo-

benefício.

A simples empatia dos novos autores com um determinado público alvo não basta para seu êxito. Seria estéril endeusar como paradigmas os “Harry Potters”, os “Alquimistas”, os “Xangôs de Baker’s Street” para balizar a tendência da literatura atual. Há fatores que poderiam levar os novos autores a uma trilha mais eficaz para seu reconhecimento.

Um deles é o incentivo à leitura nas escolas de primeiro e segundo graus, de autores cuja linguagem, além de castigada, seja, também, cursiva e palatável, de forma a instilar nos jovens o prazer pela leitura. Em outras palavras, envolver os temas em roupagens dominqueiras e em “efeitos especiais” que deságüem no gosto pela leitura.

Outro fator que inibe a leitura da nova geração é a espessura dos livros, que vai de encontro ao interesse dos jovens ante a dicotomia tempo e alternativas de lazer. Solução? Raciocinar como eles e não como os que somos leitores assíduos e, não raro, compulsivos.

Maior atenção e incentivos das autoridades, dos livreiros e das distribuidoras. Literatura, hoje, é uma atividade cara para os novos escritores. De nada vale a fórmula de que

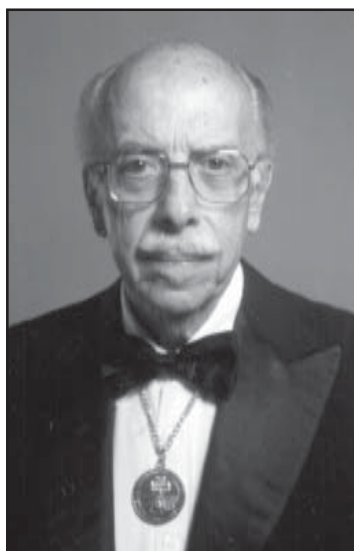
“o que é bom aparece”. Não foi o que aconteceu com Van Gogh e tantos outros para os quais a alcunha de “excelentes” não foi elogio, mas epitáfio.

O apelo gráfico vis-à-vis preço, é outro fator a ser considerado. Os escritores já firmados no mercado livreiro podem dar-se o luxo de exigir das editoras um visual de primeira linha para suas obras. Por outro lado, as editoras poderiam estudar a redução de seus custos mediante o lançamento de livros de bolso – pocket-books – que resultaria, também, na redução do preço final dos livros, propiciando aos novos escritores uma vendagem maior de suas obras.

Sei que muitos iriam retrucar: “Você está dizendo o que todo o mundo está ‘careca’ de saber”. Eu responderia: “Se todo o mundo está ‘careca’ de saber, por que, então, o ‘status quo’ se perpetua – desculpem-me pelo pleonasma – indefinidamente?” Em outras palavras: “Qual a solução objetiva já adotada para que ninguém mais fique ‘careca’ pelos mesmos motivos?”

(*) Membro da ARL

O homem que operou a própria vida



À medida que o tempo passa, são

cada vez maiores as dificuldades que se encontram para dirigir uma entidade cultural, de uma maneira geral, e, particularmente, a nossa ARL - Academia Ribeirãopretana de Letras. Isso ocorre por fatores múltiplos, sobressaindo-se, dentre eles, a ausência quase total de idealismo, de amor e de dedicação à causa que se abraça — ou não se abraça?

Na verdade, são poucos, pouquíssimos, aqueles que se integram ao trabalho de uma associação, sem pensar num retorno, sem buscar um ganho de alguma espécie. Na verdade, hoje se busca, primeiro, receber, para, depois, dar algo em troca. E o número de pessoas que se dedicam de forma desinteressada está a se escassear dia-a-dia.

Mas a ARL chegou, apesar de tudo, aos seus 56 anos, no último dia 23.

Dois dias depois, vinte e cinco, sábado, éramos dez, reunidos em torno de uma mesa da Fazenda de Minas, onde foram servidas comidas tradicionais da cozinha mineira: lombrinho, costelinha, lingüiça de porco,

arroz cheiroso, feijão tropeiro, mandioca, jiló, caipirinha, cerveja.

Passamos ali, aproximadamente, três horas agradáveis, contando piadas e “causos”, falando de nossas atividades, de nossas histórias.

Não podíamos imaginar que perderíamos, no dia seguinte, domingo, um grande colega e acadêmico, um poliglota (francês, inglês, alemão, espanhol, italiano e português), criador do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, e amante das letras: Dr. Ruy Escorel Ferreira Santos.

Meu último encontro com ele foi há quase um ano, nos jardins da USP de Ribeirão Preto, quando lá estivemos lançando a antologia comemorativa aos 55 anos da ARL, na qual, com orgulho, ficaram registradas suas traduções de poemas de Jacques Prévert, Walt Whitman, Goethe, além de fábulas de La Fontaine.

Alguns meses antes havíamos gravado (Roveri e eu) uma entrevista com ele num horário que nos foi cedido na Rádio Nova Ribeirão, onde

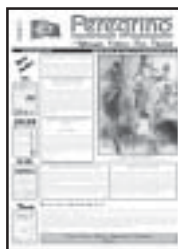
esse titular da Cadeira número 26, da Academia Ribeirãopretana de Letras, compareceu com sua esposa e contou-nos coisas de sua vida, posterior e oportunamente, reunidas em seu último livro, Memórias, um cirurgião operando a própria vida, lançado em novembro de 2002.

Paulistano, cidadão ribeirãopretano, com vasto currículo com atividades docentes e profissionais, repleto de títulos e trabalhos publicados, o acadêmico, Ruy Ferreira Santos tomou posse de sua Cadeira na ARL, em 1975, onde foi recebido pelo acadêmico Padre Arnaldo Álvaro Padovani e discursou sobre o patrono, Aloysio de Castro.

Enfim, não bastasse a ausência de companheiros às nossas reuniões, ainda é preciso suportar a ausência definitiva daqueles que construíram parte de nossa história e que se vão, deixando saudades, lembranças: La vie avec le cimetière.

Antônio Carlos Tórtoro
Presidente da ARL - Academia
Ribeirãopretana de Letras

Informação, Cultura e
Livre Expressão



Assinatura
e Anúncios
Telefones
(0**16)
621 9225
9992 3408

M. Rodrigues



“O PONTO NOBRE DAS CARNES NOBRES”

Linha especial de peixes e frutos do mar

Sistema de Embalagem Freezer e Crayovac

Entregas em Domicílio

Av. Senador César Vergueiro, 560 - Jardim Irajá - Ribeirão Preto - SP
CEP 14020 - 510 - Telefones: (16) 623 6448 / 623 3459 / 620 1399

Polêmica: Ribeirão-pretana ou Ribeirão-Pretana?

Senhor Presidente (*),

Tendo em vista a discussão sobre grafar ou não o adjetivo “ribeirão-pretana”, com ou sem hífen, no nome da Academia **Ribeirão-pretana** de Letras, em sua última sessão ordinária, do dia 06 de setembro de 2003, e também sobre haver ou não Lei Municipal (ou mesmo Portaria) que discipline tal assunto, eu gostaria de fazer algumas considerações por escrito para que não pairassem dúvidas sobre minha posição a respeito de tão espinhoso assunto. Espinhoso, mas passível de solução (mesmo que não cesse a polêmica).

Em princípio, **sou favorável** a que permaneça a grafia “ribeirão-pretana” (sem hífen) na expressão composta própria **Academia Ribeirão-pretana de Letras**, embora saiba que o Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro nos leve a concluir pela grafia **com hífen**. Da mesma forma, **não sou favorável** haver uma Lei Municipal (Portaria ou equivalente), que discipline tal assunto com valor apenas para o município de Ribeirão Preto, obrigando os que se expressam em Português a grafar sem hífen o adjetivo **ribeirão-pretana(a)**.

Justifico-me com base no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. No primeiro caso, lembro que o Sistema Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado pela ABL – Academia Brasileira de Letras (tendo como ponto de partida a Academia de Ciência de Lisboa), em sessão de 12 de agosto de 1943, com alteração feita pela Lei 5765 de 18 de dezembro de 1971, diz em seu capítulo XI (Nomes Próprios) e Instrução 40: “Para salvaguardar direitos individuais, **quem o quiser** manterá em sua assinatura a forma consuetudinária (ou seja, a mais geral, a mais usada). Poderá também ser mantida a **grafia original** de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que achem **inscritos em registro público** (o negrito é nosso).”

Não é essa a circunstância em que se encontra a ARL? Não está ela inscrita no registro público como Academia **Ribeirão-pretana** de Letras? E para manter a tradição de seu registro, seu nome próprio, sua iden-

tidade histórica já grafada em tantos documentos oficiais ao longo de tantas décadas, não seria o caso de ela, a ARL, “querer manter em sua assinatura a forma consuetudinária”?!

Permita-me, senhor Presidente, tergiversar um pouco mais: como ficam grafias registradas, históricas e de tradição como **Bahia**, **Jaboticabal**, **Pirassununga**, **Ipaussu**, **Paiçandu**, **Paraguassu** e tantos outros? Tais vocábulos, quando grafados usualmente, desvinculados de sua nomenclatura própria, “estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns”, como lucidamente orientam o Acordo Ortográfico e o Vocabulário da Língua Portuguesa; mas, quando se referem a nomes próprios, devem respeitar os registros públicos. É esse um princípio acolhido pelas autoridades lingüísticas e filológicas. Certamente há implicações até de Direito nessa questão. É oportuno registrar que, conscientes da necessidade de respeitar a padronização da Língua Portuguesa, é que a recém-fundada ARE – Academia **Ribeirão-pretana** de Educação está com o adjetivo grafado com hífen desde seus primeiros documentos oficiais, em absoluta consonância com “as regras estabelecidas...” Nesse caso, sim, não há por que grafar sem hífen.

No segundo caso, não sou favorável a Lei Municipal (Portaria ou equivalente) que obrigue os usuários do idioma português a grafarem o adjetivo **ribeirão-pretana(a)** sem hífen, porque isso iria ferir o princípio da padronização do uso do hífen já previsto pelo Acordo Ortográfico. Para mim, é inaceitável que uma lei municipal se sobreponha a outra federal em se tratando do idioma português, que é uma instituição nacional e, mais, transnacional. Haveria implicações desastrosas. Como justificar o uso de **ribeirão-pretana(a)** ao lado de **porto-alegrense**, por exemplo? Parece-me aqui oportuníssimo invocar o competentíssimo e imprescindível trabalho “**Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa**” da professora Dra. Amini Boainaim Haury publicado pela Editora Ática na coleção Ensaios,

onde afirma insofismavelmente: “... o sistema lingüístico do Português, como entidade social que é, deve ser objetivo de um trabalho persistente de sistematização objetiva, coerente e uniforme, sem a qual o ensino da língua continuará sendo deficiente e improdutivo”. Judiciosas palavras!

No capítulo XIV (Hífen), Instrução 45, o Acordo Ortográfico nos instrui que “só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição... independência fonética... porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido”. É exatamente esse o caso do adjetivo **ribeirão-pretana**, cujo raciocínio fica reforçado na Instrução 46, 1º item: empregase o hífen “nas palavras compostas em que os elementos, com sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica...”. **Ribeirão** tem significado e fonética próprios, mas **pretana(a)**, embora tenha sustentação fonética, não tem significação alguma isoladamente. Aliás, é termo que nem consta dos dicionários. Não sobrevive sozinho. Entretanto, **ribeirão-pretana(a)** é uma composição, com identidade fonética e semântica, perfeitamente enquadável nas Instruções 45 e 46, portanto, tem que ser grafada com hífen.

Por fim, e essa é uma nova posição, se os estudiosos da língua houverem por bem da padronização, eliminar o hífen da Língua Portuguesa, ou minimizar o seu emprego, aí a Academia Ribeirão-pretana de Educação continuaria grafada com hífen tendo em vista seu registro público... Bem, mas essa é outra história!

Ao cabo de tudo, os lingüistas precisam, cada vez mais, buscar a eficiência do ensino da Língua Portuguesa, até atingir a eficácia e, assim, mais produtividade na comunicação e na defesa dos interesses das comunidades de Língua Portuguesa. É uma questão econômica, cultural e de soberania nacional. É um trabalho de Sísifo para muitas gerações...

Waldomiro Waldevino Peixoto
(Membro da ARL)

(* **Carta enviada ao Acadêmico Antônio Carlos Tórtoro, presidente da ARL – Academia Ribeirão-pretana de Letras no dia 08 de setembro de 2003.**

Fênix

Geraldo Maia Campos (*)

Ah, quando eu era poeta,
Quanta beleza que eu via!
Depois, quebrei minha lira,
Pensando, pobre pateta,
Que a beleza que já vira
Era toda a que existia.

Mas não era, e a lira rota
Se refez dos ferimentos
E se ergueu, toda faceira,
Me dizendo: “Pobre idiota,
Quer você queira ou não queira,
Poesia é só momentos,

Não se acaba facilmente,
Pois momentos se repetem
Desde o zero ao infinito,
E o poeta sempre os sente,
E descobre que ‘bonito’
É o que seus versos refletem.

Por isso, meu caro amigo,
Estou aqui sempre pronta.
Faça que eu cante de novo,
E escute bem o que digo:
Leve a beleza ao seu povo,
Não faça a ele essa afronta!

O povo quer escutá-lo,
Não quer vê-lo assim calado.
Você, que sente a beleza,
Atente para o que eu falo:
Não se oponha à natureza,
E humilde aceite o seu fado.

Seu destino é versejar:
Olhe pra frente e contemple
O que é belo na tormenta
E o que é belo no mar.
Poeta não se aposenta:
Ser poeta é para sempre!”

(* **Membro da ARL**

Lucidez

Antonio Ruffino Netto (*)

Livrar-se dos
Preconceitos
Ideologias
Repressões
Mitos.

Credenciar-se
Mundo da lucidez.

Conduzir-se
Exorcizando fantasmas
Vida melhor vivida
Qualidade espontânea
Sem estupidéz.

(* **Membro da ARL**

AFORISMO

“Não me ofendo quando me contradizem; mas procuro que me esclareçam.” (Napoleão)

Disk - Livros e receba
o seu livro em casa

Paraler!

Rua Tibiriçá, 568

LIVRARIAS
PARALER

Ribeirão Shopping

www.paraler.com.br

623.4909 / 610.0379 / 610.3719

Snerha
Clínica Integrada

Rosa Maria S. Santos
Mônica Silvestre Santos
Egberto L. da Silva

Orientação profissional / Atendimento psicopedagógico / Psicoterapia
Prevenção às drogas / Consultoria / Cursos / Dançaterapia / Psicodrama
Massoterapia / Ayurveda / Florais / Yoga / Fitoterapia / Workshops / Palestras / Vivências

Av. Independência, 3181 sala 07
Telefone: (16) 620 1242

Alto da Boa Vista
Ribeirão Preto - SP